

A MÚSICA COMO METODOLOGIA PREVENTIVA AO USO DE SUBSTÂNCIAS PSICOATIVAS E À VIOLÊNCIA DURANTE A ADOLESCÊNCIA

Gabriela Britto (UFMG)

Raquel Viana (UFMG)

Alda Martins (UFMG)

Adolescência, segundo a OMS, compreende a faixa etária de 10 a 19 anos e caracteriza-se por um período de crise vital, no qual se destacam os aspectos biológicos, sociais e principalmente psíquicos. Durante a adolescência, o indivíduo passa por uma reformulação da auto-imagem, apresentando padrões transitórios de comportamento, é uma fase de experimentação, onde analisa a reação do meio frente suas atitudes. As relações interfamiliares se modificam, surgindo uma ambigüidade de sentimentos, enquanto afasta-se ideologicamente dos pais, procura um grupo com o qual se identifique. Este processo de amadurecimento envolve uma necessidade de autoafirmação, com a contestação dos padrões vigentes. Essas transformações são necessárias para que o adolescente aprenda a elaborar suas atitudes e atingir a independência e individualidade de um adulto, mas ao mesmo tempo, confere-lhes vulnerabilidade diante de situações de risco. A violência é um fenômeno de exacerbação de conflitos numa relação dinâmica entre condições pré-estabelecidas e a subjetividade de cada indivíduo. Os cenários mais comuns de violência na infância e juventude são as instituições fechadas, escolas, ruas e principalmente nos lares. Sociedades hierarquizadas, como o domínio por classes ou grupos de determinado sexo, cor ou crença, por exemplo, apresentam índices maiores de violência. No Brasil, a violência domiciliar constitui a maior fonte de violência contra o adolescente, pois o poder disciplinar e coercitivo dos pais é cultural e histórico. O uso e abuso de drogas também é um quadro que pode se considerar como manifestação de violência ou desencadeante desta. Jovens vítimas de violência podem procurar prazer e alívio para a dor através do uso de substâncias psicoativas. Essas, por sua vez, podem desencadear quadros de exacerbação do comportamento violento, gerando assim um ciclo vicioso. A condição de vulnerabilidade a que

estão submetidos, torna necessária uma atenção especial por parte dos profissionais da saúde e a implementação de ações para minimizar o uso de drogas e o envolvimento em situações de violência por parte dos adolescentes, seja como autor ou vítima. Alguns princípios devem ser levados em consideração na abordagem ao adolescente, destacando-se o respeito às diferenças e o reconhecimento dessa fase de intensas transformações, com conhecimento e visão crítica, promovendo um espaço que signifique um local de acolhimento, onde se sinta a vontade para discutir questões muitas vezes não abordadas em casa ou na escola. Alunos de graduação da Escola de Enfermagem e da Faculdade de Medicina da UFMG, através da colaboração de dois projetos de Extensão, “Metodologia para Abordagem Preventiva sobre o Uso Abusivo de Álcool e Outras Drogas” e “Frutos do Morro”, elaboraram uma oficina de música e harmonia com adolescentes do 1º ano de uma Escola Estadual de Belo Horizonte. O projeto conta também com uma reunião semanal no qual alunos, coordenadores e membros da instituição, podem relatar os resultados observados e planejam a metodologia das próximas oficinas embasadas em estudos teóricos. As oficinas têm o objetivo de promover fatores de proteção ao uso e abuso de substâncias psicoativas, sejam elas lícitas ou ilícitas, e incentivar a boa convivência e o respeito, evitando situações de violência nos ambientes escolares, doméstico e urbano. As oficinas são organizadas em dois momentos: o primeiro consiste em uma vivência musical utilizando instrumentos, melodias e letras, suscitando temas que serão abordados a seguir. No segundo momento da oficina os temas são explorados de modo a trazer uma reflexão de forma lúdica e prazerosa. São usados instrumentos de corda e percussão além da experimentação de sons produzidos pelo próprio corpo e utilização de materiais recicláveis, tais como caixa de fósforos, garrafas PET e canos de PVC. Os ritmos, músicas e temas são sugeridos pelos próprios adolescentes de forma a dar liberdade e criar maior vínculo com osicineiros. Durante os assuntos posteriormente discutidos como liberdade, sexo, drogas e família, é proposto aos jovens expor suas dúvidas e exprimir suas próprias opiniões, sem medo e julgamento de valor por parte de qualquer integrante da oficina. É importante destacar que existe uma relação horizontal entre os adolescentes participantes e os alunos oficineiros, onde é permitido a todos ensinar e aprender, é um momento de

cumplicidade e troca de vivências. De forma mais didática, separamos os resultados em duas partes, o primeiro consiste em um relato da pedagoga da instituição na qual são realizadas as oficinas e a segunda, observado pelos alunos oficinairos e dos próprios adolescentes. A pedagoga da Instituição, durante as reuniões semanais, relatou que notou uma mudança de comportamento dos alunos participantes da oficina, citando um acontecimento, que segundo ela, retrata o amadurecimento do adolescente diante de conflitos interpessoais. Um aluno agredido em sala de aula procurou a direção do colégio para resolver a situação conflituosa ao invés de revidar a agressão com violência. Durante a conversa o aluno relatou que aprendeu durante as oficinas que não se deve responder com violência qualquer ato e que não se deve fazer com o próximo o que não gostaria que fosse feito consigo. Além deste caso, a pedagoga relatou também que o número de alunos da escola interessados em participar das oficinas cresceu e que eles demonstraram interesse também na criação de outras oficinas. Foi observado que, durante a realização das oficinas, houve um medo inicial de julgamento, “você vão achar que somos alcoólatras”, o que foi substituído posteriormente por maior interesse em discutir assuntos como sexo e drogas. As relações entre os participantes foram estreitadas, resultando na formação de uma banda e o interesse pela escrita aumentou devido à composição de músicas próprias. A participação nas oficinas é voluntária e destaca-se que, durante períodos de greve na escola, os alunos solicitaram a continuação da oficina mesmo sem a rotina das aulas. Conclui-se então que oficinas educativas permitem que os adolescentes reflitam, discutam e opinem sobre determinados assuntos, o que potencializa os seus fatores de proteção. Por meio da informação, das discussões e de atividades lúdicas os jovens conseguem assimilar, compreender e agir de maneira a favorecer o distanciamento de comportamentos agressivos e do uso de drogas.